



A INTERDISCURSIVIDADE ENTRE CIÊNCIA, POLÍTICA E REDES SOCIAIS DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DA PANDEMIA DE COVID-19

THE INTERDISCURSIVITY BETWEEN SCIENCE, POLITICS AND SOCIAL NETWORKS DURING THE FIRST HALF OF THE COVID-19 PANDEMIC

Wellington dos Santos SILVA¹

Felício Oscar DELEPRANI²

RESUMO

Esse artigo considera como recorte histórico os seis primeiros meses da pandemia de COVID-19. Dentro desse recorte histórico, procura analisar a interrelação entre o discurso científico e os discursos políticos e econômicos desde uma perspectiva linguística bakhtiniana. Os resultados demonstram que houve um discurso científico no início da pandemia. Todavia, esse discurso foi distorcido pelo discurso político que alcançou maior abrangência no discurso jornalístico e nas informalidades das redes sociais. Essa distorção, além de causar uma polarização política em torno da pandemia de COVID-19, levou as pessoas ao consumo de medicamentos sem comprovação científica e sem prescrição médica.

PALAVRAS-CHAVE

covid-19; Pandemia; Discurso; Bakhtin.

¹ Doutorado em Patologia Molecular pela Universidade de Brasília. Professor da Faculdade Adventista da Bahia. E-mail: <wellington.silva@adventista.edu.br>.

² Graduação em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia e em



ABSTRACT

This paper considers as a snippet historical the first six months of the covid-19 pandemic. Within this snippet historical context, it analyzes the interrelation between the scientific discourse and politic-economic discourses through the Bakhtin's linguistic theory. The finds showed that, in the begin of pandemic, there was a scientific discourse. But this discourse was distorted by politic discourse that reached major coverage in the journalistic discourse or in the informalities of social networks and medias. This distortion, in addition to causing a political polarization around the pandemic, led people to consume drugs without scientific proof or medical prescription.

KEYWORD

covid-19; pandemic; discourse; Bakhtin.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, notificada a partir de janeiro de 2020, causou impactos profundos em toda a humanidade. Em torno dela estabeleceram acalorados debates movidos por discursos relativos às políticas adotadas, às formas como o mercado financeiro seria afetado e, sobretudo, sobre as pesquisas científicas relacionadas às vacinas, às formas de tratamento e ao uso de determinados fármacos.

No presente artigo, esses cenários são analisados tendo como objeto os discursos jornalísticos, políticos e científicos em torno da pandemia. Ao se problematizar esse tema, busca-se responder sobre a intergenericidade que permeou a grande mídia e, de que forma, esses discursos afetaram os desdobramentos da pandemia, durante o seu primeiro semestre, isto é, entre janeiro e junho de 2020. O objetivo é esclarecer questões afins a essa temática. O referencial teórico-metodológico fundamenta-se em estudos de Mikhail Bakhtin (1997), em especial o conceito de *dialogismo*, por meio



do qual será analisada a estrutura discursiva. De acordo com Bakhtin, um discurso é sempre influenciado por outro, anterior ou concomitante a ele, e, da mesma forma, acaba por influenciar outros discursos subsequentes.

Dois cenários são analisados: o científico, cujo discurso acontece na esfera pública sustentada pelos conglomerados da comunicação social, bem como da divulgação científica, na qual cientistas do mundo inteiro se empenharam no combate à COVID-19. Para tanto, serão analisados artigos científicos que trataram, no primeiro semestre de 2020, a natureza do novo coronavírus e as formas de tratamento para o mesmo. O segundo cenário analisado combina questões políticas e econômicas divulgadas por meio do jornalismo nacional e internacional.

BREVE HISTÓRICO DA PRODUÇÃO E DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

No âmbito do discurso científico, os conceitos de “divulgação científica” e “comunicação científica”, embora guardem semelhanças, precisam ser distinguidos quanto aos conceitos que os definem, a fim de se evitar ambiguidades quando se trata de temáticas afins à ciência. Uma definição básica e esclarecedora pode ser dada nos seguintes termos: comunicação científica é destinada a outros cientistas envolvidos no contexto de uma pesquisa; divulgação científica é a adaptação da linguagem científica para o público em geral (BUENO, 2010).

De acordo com Suzana Mueller e Rita Caribé (2010), desde o final do século XV, na Europa Ocidental, o avanço da imprensa de tipos móveis inventada por Gutenberg (1400-1468), representou o início da transformação na história da transmissão do conhecimento. De fato, o desenvolvimento da ciência aconteceu concomitante com a invenção da imprensa, pois havia troca de documentos (cartas, monografias, livros etc.) a maioria escrita



em latim, que era a língua franca utilizada na Europa daquele período. As autoras afirmam que, naquele contexto do *Renascimento*, a troca de cartas e de outros documentos era a forma padrão de comunicação entre as pessoas. Nomes importantes da história haviam percebido a importância da difusão do conhecimento. Leonardo da Vinci (1452-1519) é citado como um divulgador, tendo em vista uma de suas afirmativas de que o dever do homem de ciência é a comunicação.

Nos séculos seguintes houve uma intensificação tanto da produção como da divulgação do conhecimento científico por meio de *periódicos especializados*, com recrudescimento ainda mais intenso no século XIX. Havia, desde aquela época, uma preocupação de diversos setores acadêmicos em disponibilizar ao grande público os avanços da ciência. É desta época as revistas *Nature* e *National Geographic*. No século XX este tipo de divulgação continuou, mas o jornalismo por vezes passou a ser o principal porta voz da divulgação científica. Desde então, se por um lado mais pessoas passaram a ter acesso às informações, tais divulgações, muitas vezes, têm sido colocadas de forma sensacionalista ou muito simplista (BUENO, 2010).

A PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Considerando as condições históricas para a divulgação científica, para uma compreensão técnica e precisa do que aconteceu no campo das pesquisas científicas relacionadas à pandemia da COVID-19, no primeiro semestre de 2020, são considerados, nesta seção, apenas artigos científicos, publicados em periódicos (físicos e eletrônicos) confiáveis e destinados unicamente a publicações científicas.



De janeiro a junho de 2020, pouco se falou - por meio de periódicos científicos - sobre o desenvolvimento de vacinas que pudessem imunizar a população mundial contra a COVID-19. Por outro lado, a maior parte dos artigos voltados para o tratamento da doença versou sobre a eficácia e segurança de medicamentos já existentes, com especial destaque para a Hidroxicloroquina. Grande parte dessa produção circulou na forma de ensaios clínicos realizados na China e em outros países mais afetados pela pandemia; e tinham como finalidade avaliar diferentes dosagens de Hidroxicloroquina no tratamento de pacientes com COVID-19 (CORTEGIANI, 2020).

A despeito dos resultados desses ensaios clínicos, a partir de março de 2020, uma grande quantidade de pessoas começou a procurar pela Hidroxicloroquina nas farmácias. Até aquele momento, havia apenas um ensaio clínico (NCT04303507) em andamento para avaliar esse fármaco na prevenção de COVID-19 (AKHTAR, 2021).

Logo em seguida, outro ensaio clínico (ChiCTR2000029559) procurou avaliar a eficácia da Hidroxicloroquina em 31 pacientes com COVID-19 pneumonia. E comparar os resultados com outro grupo, também de 31 pacientes que só receberam tratamento convencional. Desta vez, a dosagem foi 200mg, duas vezes ao dia, durante 5 dias. Nesse estudo, houve uma conclusão prévia de que os pacientes tratados com Hidroxicloroquina apresentaram uma vantagem em relação àqueles que só receberam tratamento padrão. Os pesquisadores relataram que enquanto os pacientes que receberam Hidroxicloroquina levaram 2,2 dias para a normalização da febre, o outro grupo levou, em média, 3,2 dias. Quanto à pneumonia, presente nos dois grupos, houve uma melhora (diminuição da tosse) em 80,6% dos que receberam a Hidroxicloroquina contra 57% entre os que não receberam (CHEN, 2020).



Nesse segundo ensaio, no entanto, quando a publicação foi revisada por pares, apareceram alguns questionamentos que colocaram em dúvida a eficácia da Hidroxicloroquina. Por exemplo, o uso de outros fármacos durante o estudo. Além da inserção de 9 pacientes na amostra que não apresentavam tosse, entre os que receberam Hidroxicloroquina; e outros 14 pacientes que apresentavam febre, entre o grupo de tratamento convencional. Esses dados não ficaram claros nos cálculos finais e poluíram o resultado da pesquisa (FDA, 2020).

Fora isso, embora fosse cada vez mais comum - especialmente por meio das redes sociais, supostos cientistas, médicos, políticos etc. aparecerem discursando em favor do uso da Hidroxicloroquina - o que havia, na verdade, eram apenas dados limitados disponíveis para apoiar a eficácia do tratamento por meio desse fármaco e identificar possíveis preocupações de segurança em pacientes com COVID-19 (COLSON, 2020).

Aos poucos, outros estudos sobre o uso da Hidroxicloroquina para tratamento da covid-19 foram sendo comunicados. Song *et al.* (2020) detalha um desses estudos realizados na China (PMCID: PMC7334905) e que circulou amplamente. Nele, 15 pacientes em tratamento receberam Sulfato de Hidroxicloroquina, na dosagem de 400 mg por dia, durante 5 dias; outros 15 pacientes receberam apenas tratamentos convencionais e ambos os grupos receberam *Interferon* e a maioria dos pacientes recebeu *Umifenovir* ou *LPV / RTV*. O desfecho primário foi a conversão em *PCR* negativo em zaragatoas faríngeas, 7 dias depois de iniciada a terapia. Dos pacientes tratados com Hidroxicloroquina, foi relatado que 86,7%, deles apresentaram *PCR* negativo, depois de 7 dias. E, em relação ao grupo que recebeu apenas tratamento convencional, 93,3% deles apresentaram *PCR* negativo, depois dos mesmos 7 dias. Ou seja, o estudo mostrou que a Hidroxicloroquina não contribuiu



para a melhora dos pacientes, pois não reduziu sintomas, não diminuiu tempo de internação, tampouco produziu qualquer outro efeito positivo em relação ao grupo que apenas recebeu tratamento convencional.

Na medida em que esse tipo de estudo avançava, ficou cada vez mais evidente que a Hidroxicloroquina não apresentava eficácia alguma para o tratamento da COVID-19. Por outro lado, havia sérias advertências sobre os riscos do uso deste fármaco, especialmente em pacientes com problemas cardíacos (MERCURO, *et al.*, 2020).

Os resultados levaram a Agência de Medicamentos dos Estados Unidos a revogar uma decisão anterior que permitia o usar a Hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19 baseada nos seguintes pontos: 1) Os esquemas de dosagem sugeridos para Hidroxicloroquina, conforme detalhado nas fichas técnicas dos EUA para profissionais de saúde, provavelmente não produzirão um efeito antiviral. 2) Observações anteriores da diminuição da carga viral com Hidroxicloroquina não foram consistentemente replicadas e dados recentes de estudos controlados e randomizados, avaliando a probabilidade de conversão negativa, não mostraram diferença entre o tratamento com Hidroxicloroquina e o tratamento padrão. 3) As diretrizes atuais de tratamento nos EUA não recomendam o uso de Hidroxicloroquina em pacientes hospitalizados com COVID-19 fora de um ensaio. 4) Dados de estudos randomizados e controlados não mostraram evidências de benefício na mortalidade ou em outros desfechos, como tempo de internação ou necessidade de ventilação mecânica para tratamento com hidroxycloroquina em pacientes hospitalizados com COVID-19 (COHEN 2020).

Ao se analisar os casos relatados pelos especialistas, é possível perceber que além de irracional, o uso da Hidroxicloroquina resultou em um risco



para a vida dos pacientes e, as melhoras verificadas entre aqueles que fizeram uso deste fármaco não apresentaram uma diferença estatisticamente significativa em relação àqueles que apenas fizeram uso dos medicamentos padronizados para o tratamento da doença. Mesmo assim, por meio de outros veículos de comunicação como jornais, televisão, e, especialmente por meio das redes sociais, estabeleceu-se uma polêmica sobre usar ou não usar a Hidroxicloroquina. Na próxima seção são analisadas as causas que levaram uma grande parte da população a deixar de lado as constatações científicas em favor de outros discursos.

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO CONTEXTO DOS PRIMEIROS SEIS MESES DA PANDEMIA DE COVID 19

A notícia de que uma nova mutação do coronavírus havia ocorrido na China apareceu, pela primeira vez, na mídia internacional, no dia 8 de janeiro de 2020, no *The New York Times* (NYT). No artigo, os correspondentes chineses em Pequim, Wee e McNeil Jr reportaram que um vírus havia sido identificado por pesquisadores chineses. A notícia afirmava que pouco se sabia sobre a nova mutação. Na reportagem, David Hui, um especialista da Universidade Chinesa de Hong Kong, concedeu entrevista aos jornalistas e disse apenas que ainda haviam muitas interrogações sobre o surto. Guan Yi, um infectologista da mesma universidade, disse supor que a transmissibilidade do vírus não seria tão alta. Até a data da reportagem, 15 pessoas em Wuhan, na China, já haviam sido diagnosticadas com o vírus.

No Brasil, a notícia apareceu no blog *Mundo*, mantido pelo complexo de publicações, *Isto É*, no dia 10 de janeiro de 2020. Segundo o portal, até aquele momento, os especialistas chineses ainda não tinham uma posição



oficial sobre um tipo de “pneumonia” surgido em Wuhan. Mas, que já naqueles dias, circulavam “notícias falsas” sobre a doença e que o governo iria processar “oito pessoas que publicaram e transmitiram informações falsas, ou não verificadas” sobre o tema. Enquanto os pesquisadores estavam preocupados com a natureza do vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS), segundo noticiou o mesmo portal, pronunciou-se a respeito da doença dizendo que ela “não se espalhava com rapidez”. Até aquela data, já se sabia que 59 pessoas haviam sido infectadas, das quais, 7 estavam em estado grave. Além disto, dizia a notícia que as infecções teriam ocorrido entre os dias 12 e 29 de dezembro de 2019; e que a maioria dos infectados eram trabalhadores de um mercado que vendia peixes e frutos do mar, em Wuhan, na região central da China (NOVA SEPA, 2020).

No dia 10 de janeiro, o principal portal de notícia do Brasil, o *G1*, deu voz ao assunto. Ao notificar a “primeira morte na China” causada pelo surto de pneumonia naquele país, a notícia trouxe o seguinte título complementar: “Surto de origem desconhecida gera temores de que novo coronavírus possa ser da família dos causadores das infecções de Sars e Mers. Governo se preocupa com o feriado do Ano Novo chinês, quando milhões viajam pelo país.” Na reportagem, as causas das infecções foram identificadas como “misteriosas”, mas que havia fortes indícios de que se tratava de uma modificação do “coronavírus”. A primeira vítima, um homem de 61 anos, morreu no dia 10 de janeiro de 2020. A notícia termina afirmando que, em 2003, quando houve uma epidemia de coronavírus, a China teria acobertado o fato, causando a disseminação da doença e a infecção e morte de milhares de pessoas (CHINA, 2020).



No dia 11 de janeiro, o site *Gov.UK* que reporta informações oficiais da realza para todo o Reino Unido, citou que embora o governo estivesse ciente do surgimento do coronavírus na China, o risco de contaminação era muito baixo para pessoas de outros países e até mesmo para os próprios moradores de Wuhan, onde a doença havia sido identificada. E listou ainda uma série de recomendações de especialistas, todas com a clara intenção de minimizar o potencial do vírus. Na época, a realza afirmou que, de acordo com o Dr. Nick Phin, vice-diretor do Serviço Nacional de Infecção, os riscos para quem precisasse viajar para Wuhan eram baixos e que não era aconselhada a mudança de planos (NOVEL, 2020).

Dois dias depois, no dia 13 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um pronunciamento sobre o assunto. Os diretores de mídia e de comunicação da organização Jasarevic e Chaib, se reservaram a dizer que uma pessoa havia sido diagnosticada com o “novo coronavírus”, na Tailândia, e que as pesquisas seguiriam para identificar a origem e os hospedeiros do vírus (JASAREVIC e CHAIB, 2020).

Um dia depois do pronunciamento de Jasarevic e Chaib, o portal *UOL*, no Brasil, replicou uma notícia da agência *Reuters*, que apontava para uma mudança de posicionamento da OMS. Além de um alerta para todos os hospitais do mundo, a notícia dizia que a forma como a doença se transmitia não era “constante”; que ainda não havia um tratamento para doença; que alguns antivirais estavam sendo testados para o tratamento da doença e que poderia ocorrer um “surto maior” (NEBEHAY, 2020).

É possível extrair das notícias publicadas na primeira quinzena de janeiro de 2020 que, em geral, acreditava-se que a doença havia sido transmitida de animais para humanos e que não se tinha certeza se era possível a transmissão



entre humanos. Além disto, o que se defendia era que o risco de uma pandemia, ou mesmo de uma epidemia, eram baixos. Na medida em que a primeira notícia de grande alcance reportada pelo *NYT* informou a possibilidade de uma transmissibilidade baixa para o novo coronavírus, parece que os demais portais, tanto os do Brasil como de outros países, seguiram esse protocolo. O que evidencia, de início, a existência de dialogismo na forma de se construir e publicar notícias de grande abrangência. Esse dialogismo tendia, até aquele momento, a minimizar a importância da doença.

No entanto, esse discurso começa a mudar quando uma pessoa foi diagnosticada com a doença, no Japão, no dia 16 de janeiro (WEE, 2020); tanto que, no dia 17 de janeiro, *NYT* publicou que pessoas que viajavam de Wuhan para os Estados Unidos começaram a ser revistadas no aeroporto internacional John F. Kenedy, em Nova York. A mudança de tom pode ser percebida no trecho da reportagem que diz:

Acredita-se que a maioria das pessoas com a infecção a tenha contraído através da exposição a animais em um mercado que vende frutos do mar e carne, em Wuhan. Não há certeza de que o vírus seja transmissível de pessoa para pessoa. Mas, alguns casos não foram relacionados a animais, e os pesquisadores dizem que pode ser possível uma transmissão de humano para humano (GRADY, 2020).

No Brasil, as mudanças foram mais reticentes. De forma positiva, percebe-se que o noticiário brasileiro procurou desfazer algumas ambiguidades. Em primeiro lugar, afirmando que a “pneumonia misteriosa” era uma modificação do coronavírus e, em segundo lugar, que, embora a doença fosse semelhante, não era a mesma “Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars), do início da década de 2000. Mas, por outro lado, afirmou algo que ainda não havia sido



confirmado pelos cientistas, a impossibilidade transmissão entre humanos. A reportagem do G1 disse: “As autoridades afirmam que a pneumonia foi provavelmente originada de animais, mas descartam a possibilidade de transmissões entre humanos” (CHINA TEM NOVOS CASOS, 2020).

No dia 20 de janeiro, a mídia começou a publicar que o vírus era transmitido por contágio humano. Na madrugada daquele dia, o jornal inglês *The Guardian* publicou que os especialistas chineses, definitivamente, concluíram que o vírus poderia ser transmitido por contato humano. E acrescentou que o fato de as autoridades terem “subestimado” o coronavírus poderia ter afetado a disseminação da doença pelo mundo que, até então, já havia sido detectada em mais três países além da China: Japão, Coreia do Sul e Tailândia (KUO, 2020). No mesmo dia o *NYT* publicou uma matéria similar, contudo, trazendo para o discurso o governo Chinês Xi Jinping, que, segundo o editorial, havia se posicionado sobre a necessidade de se “levar a sério” a questão (HERNÁNDEZ e RAMZY, 2020).

A primeira notícia, na mídia, sobre uma forma de enfrentamento terapêutico à COVID-19, apareceu no site da *CNN*, no dia 21 de janeiro. Segundo a reportagem, o Dr. Anthony Fauci, imunologista e diretor do *Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas (NIAID)*, afirmou que uma vacina para a COVID-19 poderia demorar meses até a fase de testes e anos até poder ser efetivamente usada. À mesma reportagem, o Dr. Peter Hotez declarou que havia uma pesquisa em andamento, buscando uma vacina para a doença, nesse projeto, segundo o cientista, estavam trabalhando especialistas americanos e chineses (COHEN, 2020).

Contudo, foi em torno das formas de tratamento e terapias que se acentuou grande parte das polêmicas, especialmente, com viés político-ideológico. Um



artigo, publicado no *NYT*, em 2 de abril, procurou recuperar a gênese do uso da Hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19. O artigo já trazia no título a denúncia de um viés político na divulgação de formas de tratamento da doença, ao afirmar que “um médico simples do país” havia se tornado uma “estrela” da “direita política” americana. Segundo o artigo, um médico do interior, Dr. Vladimir Zelenko da comunidade judaica novaiorquina *Kiryas Joel*, postou um vídeo dizendo que havia tratado centenas de pessoas com sintomas leves da covid-19 com o fármaco. O artigo segue dizendo que, logo após a postagem do vídeo, o ex-presidente estadunidense, Donald Trump, começou a divulgar o tratamento como cientificamente comprovado. A reportagem ainda acrescentou que diversos chefes de Estado, do mundo inteiro, incluindo o presidente do Brasil, Jair M. Bolsonaro, entraram em contato com o médico, a fim de obter informações sobre o uso do remédio (ROOSE; ROSENBERG, 2020).

No entanto, embora o caso do Dr. Zelenko seja de muita importância, pelo seu cunho político, as notícias em larga escalas envolvendo o uso da Hidroxicloroquina surgiram um pouco antes. No dia 1 de abril o *NYT* publicou uma notícia reportando o uso do fármaco por médicos chineses. Na reportagem, Denise Grady, uma renomada repórter do departamento de notícias científicas do *NYT*, informou que a droga vinha sendo usada com sucesso para o tratamento de pessoas com sintomas leves da doença causada pelo novo coronavírus.

ANÁLISE DOS DISCURSOS

Nesta seção, são analisados os discursos que envolveram tanto a produção quanto a divulgação científica, durante o primeiro semestre da pandemia de Covid-19. Tal na análise foi baseada nos conceitos de



“análise de discursos” conforme apresentados por Bakhtin (1997). De acordo com esse autor, um fato jamais é apresentado da maneira exata como ocorre, isso porque os meios usados para transmitir esses fatos são enviesados pelos pressupostos ideológicos, culturais, institucionais etc. de quem os transmitem.

Dialogismo, para Bakhtin é, portanto, a interrelação entre os enunciados, ou, entre os diferentes tipos de gêneros discursivos. Assim, todo discurso dialoga com outros discursos estabelecendo assim “[...] uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação” (BAKHTIN, 1997, p. 346). Para os propósitos deste artigo, isso equivale a dizer que um gênero discursivo como os artigos científicos influenciam outros gêneros como as notícias de jornal. Do mesmo modo, uma publicação científica interfere em outra e uma notícia de ampla circulação interfere em outras notícias.

Outro ponto sobre Bakhtin que deve ser esclarecido, tem a ver com as partes mínimas que compõem os enunciados, às quais ele chamou de gênero do discurso. Essa parte atômica do discurso está, na concepção do autor, dividida em três elementos: o tema, o estilo e o aspecto composicional. Isso é o que permite diferenciar uma notícia de jornal de artigo científico. Por exemplo, enquanto uma notícia contém o título, as linhas finas e o texto; o artigo contém título, resumos, notas bibliográficas etc. Assim, pelo aspecto composicional é possível distinguir um gênero do outro. Ainda outros fatores são dignos de nota, o estilo marca uma determinada autoria, e o tema é o que relaciona o discurso com o contexto sociopolítico em que foi produzido (BAKHTIN, 1997, p. 280). A partir desse entendimento, é que as publicações científicas e jornalísticas, apresentadas nas seções anteriores, são analisadas, aqui.



ANÁLISE DO DISCURSO CIENTÍFICO

Os artigos científicos lidos para esta pesquisa apresentam um estilo técnico, isto é, a linguagem utilizada deixa fora de qualquer dúvida o fato de que os autores dominam o assunto que se propõem a tratar. Do ponto de vista temático, esses artigos apontam para a possibilidade de que havia outros interesses além da pura produção e divulgação científica. A questão é: porque passaram, quase que imediatamente após as primeiras notícias sobre a Covid-19, a pesquisarem a Hidroxicloroquina como proposta de tratamento para essa doença? Em outras palavras, de onde saiu a possibilidade de relação ente Hidroxicloroquina e Covid-19? A hipótese que esta pesquisa levanta é que os cientistas se dedicaram a estudar essa relação a partir de fatos que surgiram com a pandemia de Covid-19: a circulação de notícias falsas sobre o uso da Hidroxicloroquina, e, em segundo lugar, o empenho em validar essa relação para garantir interesses econômicos e políticos. A plausibilidade dessa hipótese exige que se examine o discurso científico cotejado pelos discursos político e econômico, veiculados pelo jornalismo e pelas redes sociais.

ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO-ECONÔMICO

O discurso político-econômico ocorreu, principalmente, por meio dos grandes portais de notícia. E, exatamente por isso, os textos são mais densos e mais difíceis de serem analisados. Do ponto de vista composicional, em geral, apresentavam títulos, lides, e um texto pleno de hiperlinks que permitem ao leitor retornar a notícias anteriores ou ler outras correlacionadas. Outro aspecto composicional observado foram as possibilidades de *links* de



compartilhamento das notícias em redes sociais. A linguagem, em geral, é clara e compreensível, destinada ao grande público.

Ao contrário dos cientistas, o noticiário concentrou-se na natureza do novo Coronavírus, na sua forma de transmissibilidade, no número de infectados e, nos impactos que a pandemia poderia trazer para a economia mundial e, sobretudo, nas medidas que os governos, ao redor do mundo, adotaram para o enfrentamento à doença.

Novamente, o que se percebe é que os termos “novo Coronavírus”, “COVID-19” e “pandemia”, assumiram o significado de “crise sanitária”, e, ao mesmo tempo, “crise política” e “crise financeira”. O tema das notícias, portanto, não era, se for analisado na perspectiva de Bakhtin, o “Novo Coronavírus”, mas, em função dos impactos na economia e na política, passou a ser o “Novo normal”, posto que, em função da pandemia, as pessoas passaram a usar antissépticos com mais frequência, passaram a frequentar ambientes digitais para suas atividades etc. Essa mudança drástica no modo e agir das pessoas mudou, conseqüentemente, seu modo de produção e consumo e isso passou a interessar ao mercado.

Nesse cenário, percebeu-se um alinhamento ideológico político, especialmente após o presidente americano anunciar que a Hidroxicloroquina havia sido testada e considerada segura e eficaz para o tratamento da COVID-19, outros líderes mundiais, como o presidente do Brasil, logo fez um discurso semelhante. Por outro lado, outros líderes, especialmente os que defendem uma política de esquerda, passaram a assumir uma postura em defesa do isolamento social, auxílio emergencial e, sempre trazendo para seus discursos a necessidade de uma vacina para o enfrentamento da pandemia. Nesse ponto, percebe-se que o assunto covid-19 passou a se relacionar às questões políticas.



Isso é facilmente verificável, a partir da seguinte proposição: antes de 2020, se alguém publicasse uma notícia sobre Hidroxicloroquina, provavelmente ninguém relacionaria esse termo a alguma política. No entanto, nos primeiros seis meses da pandemia, as posturas divergentes dos políticos sobre o uso desse fármaco, fez com o termo “Hidroxicloroquina” se tornasse político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as publicações científicas e as notícias de jornal que circularam durante os seis primeiros meses da pandemia de Covid-19, é possível observar um dialogismo – em termos bakhtinianos- que, em primeiro lugar, parte dos discursos políticos para influenciar a produção científica e, em segundo lugar, parte da comunicação científica para a divulgação dessas produções pelo meio jornalístico.

No primeiro caso, o pronunciamento de líderes políticos influentes como Donald Trump e Jair Messias Bolsonaro parece ter provocado um empenho dos cientistas em analisar a validade desses discursos. Na medida em que as primeiras publicações científicas começaram a aparecer, os resultados passaram a demonstrar que as afirmações políticas não tinham validade científica.

No segundo caso, o jornalismo, reproduzindo quase que em série as notícias dos grandes sites jornalísticos, como o G1 e o NYT, foi, aos poucos, mudando de opinião sobre o Novo Coronavírus. Mais para o fim do semestre analisado, os jornalistas, em sua maioria, assumiram uma postura mais alinhada à produção científica. Porém, nas redes sociais, mesmo as pessoas com formação acadêmica comprovada nas áreas da saúde, em defesa de uma ideologia política de direita, insistiram, a despeito das publicações científicas, no posicionamento de que a Hidroxicloroquina era um fármaco eficaz no combate à Covid-19.



Esse posicionamento pode ter contribuído para o agravamento da pandemia e, conseqüentemente, para o adoecimento e morte de milhares de pessoas.

A conclusão a que se chega é que a interferência do discurso político de direita na produção científica provocou duas posturas que influenciaram nos rumos da pandemia. Por um lado, o jornalismo que, embora tenha sido contraditório no período analisado, acabou por assumir uma postura ao lado da produção científica e contribuiu para a prevenção à doença; por outro lado, os discursos da direita política, claramente anticientíficos, e sua repercussão nas redes sociais, contribuíram para o agravamento da pandemia.

REFERÊNCIAS

AKHTAR, S., *et al.* Nutritional perspectives for the prevention and mitigation of COVID-19. **Nutr Rev.** v. 79, n. 3, p. 289-300, fev. 11, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33570583/>. Acesso em 13 set. 2020.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira). São Paulo Martins Fontes, 1997. (Ensino Superior).

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1-12, 2010. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/14078>. Acesso em: 14 set. 2020.

COHEN, Z. *et al.* Efficacy of hydroxychloroquine in patients with COVID-19: results of a

randomized clinical trial. **medRxiv**. Pré-publicação abr. 2020. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.22.20040758v2.full.pdf>. Acesso em: 1º mai. 2020.



COHEN, E. Vaccine for new Chinese coronavirus in the works. **CNN**. 21 jan. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/01/20/health/coronavirus-nih-vaccine-development/index.html>. Acesso em: 8 abr. 2020.

CHINA tem 1ª morte por misteriosa pneumonia viral. **G1**. 11 jan.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/11/china-tem-1a-morte-por-misteriosa-pneumonia-viral.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2020.

CHINA tem novos casos após 2ª morte em surto de coronavírus. **G1**. 18 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/18/china-tem-novos-casos-apos-2a-morte-em-surto-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 8 abr. de 2020.

COHEN Myron S. Hydroxychloroquine for the prevention of COVID-19—searching for evidence. **The new England journal of medicine**. v. 383, p. 585-586 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMe2020388>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

COLSON, P. *et al.* Chloroquine and hydroxychloroquine as available weapons to fight COVID-19. **International journal of antimicrobial agents**. v. 55, p. 1-4, 2020. Disponível em : <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32145363/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CORTEGIANI, A. *et al.* A systematic review on the efficacy and safety of chloroquine for the treatment of COVID-19. **Journal of critical care**. v. 57, p. 279-283., abr. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32173110/>. Acesso em: 10 set. 2020.

FDA. United States Food and Drug Administration. FDA drug safety communication: FDA cautions against use of hydroxychloroquine or chloroquine for COVID-19 outside of the hospital setting or a clinical trial due to risk of heart rhythm problems. **FDA**. 24/04/2020. Disponível em: <https://www.fda.gov/media/137250/download>. Acesso em: 17 maio 2020.



GRADY, D. Three U.S. Airports to Check Passengers for a Deadly Chinese Coronavirus. **The New York Times**, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/17/health/china-coronavirus-airport-screening.html>. Acesso em: 8 abr. 2020.

GRADY, D. Malaria Drug Helps Virus Patients Improve, in Small Study. **The New York Times**, 1º de abril de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/01/health/hydroxychloroquine-coronavirus-malaria.html>. Acesso em: 31 mai. 2020.

HERNÁNDEZ, J. C.; RAMZY, A. China confirms new coronavirus spreads from humans to humans. **The New York Times**, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/20/world/asia/coronavirus-china-symptoms.html>. Acesso em: 8 abr. 2020.

JASAREVIC, T; CHAIB, F. Who statement on novel coronavirus in Thailand. **Who**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/13-01-2020-who-statement-on-novel-coronavirus-in-thailand>. Acesso em: 8 abr. 2020.

KUO, I. China confirms human-to-human transmission of coronavirus. **The Guardian**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jan/20/coronavirus-spreads-to-beijing-as-china-confirms-new-cases>. Acesso em: 8 abr. 2020.

MERCURO, N J. *et al.* Risk of QT interval prolongation associated with use of hydroxychloroquine with or without concomitant azithromycin among hospitalized patients testing positive for coronavirus disease 2019 (COVID-19). **JAMA cardiology**. 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamacardiology/fullarticle/2765631>. Acesso em: 1º jun. 2020.

MUELLER, S. P. M.; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Revista Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 13-30, 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13202/1/ARTIGO_ComunicacaoCientificaPublico.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.



NEBEHAY, S. OMS diz que novo coronavírus da China pode se espalhar e alerta hospitais pelo mundo. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/01/14/oms-diz-que-novo-coronavirus-da-china-pode-se-espalhar-e-alerta-hospitais-pelo-mundo.htm>. Acesso em: 10 abr. 2020.

NOVA SEPA de coronavírus pode ser origem de surto de pneumonia na China. **Isto É**. 10 jan. 2020. Disponível em <https://istoe.com.br/nova-cepa-de-coronavirus-pode-ser-origem-de-surto-de-pneumonia-na-china/>. Acesso em 8 abr. 2020.

NOVEL coronavirus and avian flu: advice for travel to China. **Gov.Uk**. 11 Jan. 2020. Disponível em <https://www.gov.uk/government/news/novel-coronavirus-and-avian-flu-advice-for-travel-to-china>. Acesso em: 8 abr. 2020.

ROOSE, K.; ROSENBERG, M.. Touting Virus Cure, ‘Simple Country Doctor’ Becomes a Right-Wing Star. **The New York Times**. 2 abr. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/04/02/technology/doctor-zelenko-coronavirus-drugs.html?action=click&module=Spotlight&pgtype=Homepage>. Acesso em: 5 abr. 2020.

SONG, Y. *et al.* COVID-19 treatment: Close to a cure? – a rapid review of pharmacotherapies for the novel coronavirus. *International journal of antimicrobial agents*. v. 56, n. 2, p. 1- 9, jul. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7334905/pdf/main.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

WEE, S; MCNEIL JR., Donald G. China Identifies New Virus Causing Pneumonia-like Illness. **The New York Times**. 08 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/08/health/china-pneumonia-outbreak-virus.html>. Acesso em: 14 ago. 2020.

WEE, S. Japan and Thailand Confirm New Cases of Chinese Coronavirus. **The New York Times**. 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/15/world/asia/coronavirus-japan-china.html>. Acesso em: 8 ago. 2020.

